

O Movimento Negro como Epistemologia de Resistência: identidade, autoria negra e formação acadêmica

Barbarah Forte Alves¹ ; Laina Sousa Oliveira²

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Fortaleza, Ceará, Brasil. barbarah.alves@aluno.uece.br

² Pedagoga formada pela Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil. lainasousa83@gmail.com.br

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo compreender a importância do movimento negro no processo de redescoberta da identidade, a partir do reconhecimento de saberes historicamente marginalizados e da promoção de práticas educativas antirracistas. Partindo de nossa vivência enquanto estudantes de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, evidenciamos a necessidade urgente de ampliar leituras, discussões e projetos voltados a jovens negros e periféricos, sobretudo no contexto de formação docente, ainda marcado por silenciamentos históricos e lacunas no que se refere à valorização da história e cultura afro-brasileira. Nesse percurso, conhecemos o Coletivo Fortaleza Negra, que atua como um espaço de educação popular antirracista e de preservação da memória social afro-cearense. A partir de sua atuação, voltada à recuperação de narrativas historicamente invisibilizadas, ao fortalecimento das identidades negras e à valorização do protagonismo negro na formação cultural e histórica do território, tivemos a oportunidade de participar e desenvolver atividades como aulas abertas sobre história negra e memória social, cursos formativos e produção de conteúdos digitais educativos. A experiência vivenciada junto ao coletivo possibilitou não apenas a ampliação de nosso repertório teórico e prático, mas também um processo significativo de fortalecimento identitário e de consciência crítica acerca do nosso papel enquanto futuras docentes. Compreendemos que a educação antirracista não se limita a conteúdos, mas envolve posicionamento político, compromisso ético e práticas pedagógicas transformadoras.

Palavras- Chave: Movimento negro; Identidade; Formação

Durante anos, “Tornar- se Negro”, como diz a escritora e intelectual Neusa Souza, parte de um processo de autoreconhecimento de si e de pertencimento a uma comunidade e nossas andanças desse processo não é fácil, sendo o mesmo por muitas vezes, doloroso. No dado momento em que abre o caminho para a nomeação de atos do racismo estrutural, na qual se apresenta de diferentes formatos, sejam eles nos meios institucionais, sociais, educacionais e profissionais. Perceber que, não vivemos em uma democracia racial, tampouco somos todos iguais - como somos ensinados desde a infância- desperta-nos uma dúvida de quem somos ou qual a história do nosso povo. Das histórias que não constam nos livros didáticos e paradidáticos o ato de buscar é necessário.

No entanto, a educação como ferramenta para rompimento de opressões nos possibilita dar novas vozes e reconstruir uma trajetória que não só perpassa pela crueldade, que de fato, precisa-se lembrar para que nunca se repita e a importância que os povos africanos tiveram na construção de nossa sociedade pois foram apenas a partir delas e deles que a estrutura econômica do país emergiu. Aponta Nascimento (2016, p.54) :

O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e quebra da sua espinha dorsal, quando, ao mesmo tempo, seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca.

Mas que mesmo sendo precursores na construção de riquezas materiais e simbólicas na sociedade brasileira ainda lhes era negado o mínimo necessário para a garantia de uma vida digna, ainda eram-lhes negado o básico. Ora, como, após produzirem tantas riquezas para nosso país ainda não possuem nada? Se o povo negro ainda esta a margem, é porquê as estruturas herdadas de passado escravocrata permanecem operando e se fortalecendo diariamente de forma continua e universal, produzindo e reproduzindo mais desigualdade social. Para o sistema da branquitude, pouco tem o interesse na emancipação real dos corpos negros, de sua autonomia e seu sucesso. A branquitude enquanto posição social de privilégios historicamente construídos opera na sua manutenção e com isso, manifestando até a negação do racismo estrutural a fim da minimização das desigualdades racial para a resistência de políticas de reparação.

Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre o outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e releva péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro. (BENTO, 2022 p.9)

Por isso, é urgente a necessidade do coletivismo e da organização dos corpos negros para a reivindicação de direitos garantidos e aqueles que ainda não foram conquistados, pois todos os avanços e vitórias só foram possíveis a partir das lutas mobilizadas e históricas. A coletividade negra vem se constituindo a contar sua sobrevivência, ainda no período escravocrata, com Zumbi do Palmares e diversos ativistas negros e negras onde em comunidades reuniam-se para proteger-se e libertar-se de um sistema cruel com um objetivo central: liberdade ao povo negro escravizado.

Desde então, o movimento negro tem desempenhado papel crucial no avanço de luta por direitos e formulação de políticas de ação e afirmativas para a população negra, que hoje destaca segundo o Censo demográfico do IBGE de 2022 cerca de 55% da população brasileira é negra - preta e parda - totalizando mais da metade da população brasileira. Foi só diante das lutas organizadas que, obtivemos avanços e políticas de afirmação, tendo como exemplo cotas raciais no início dos anos 2000 regulamentando-se em 2012 com a lei 12.711.

Seguindo numa perspectiva de coletivos negros organizados, o coletivo Fortaleza Negra nasce em 2023, idealizado por Douglas Souza, estudante de licenciatura história pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) no qual, segundo o mesmo a iniciativa é voltada ao resgate e a difusão da memória negra e da cultura periférica no Ceará promovendo ações educativas e culturais na construção da preservação da memória social afro-cearense que sendo o primeiro estado a abolir a escravidão em nosso país, quatro anos antes da lei áurea no qual fomos pioneiros de uma luta histórica com o Jandadeiro Dragão do Mar. O objetivo do coletivo FN é o resgate de nossa memória e história, de autoconhecimento de pessoas negras na cidade de Fortaleza, abordar diversos temas e leituras para o aprofundamento não apenas no arcabouço teórico, mas também no prático vivenciado com nossos pares. Conhecer nossas próprias histórias é um movimento de se auto perceber, uma pedagogia crítica que pisa os pés no chão e prioriza o saber e a emancipação.

Por isso, este artigo tem como objetivo compreender a importância do movimento negro no processo de redescoberta da identidade a partir do reconhecimento de saberes historicamente marginalizados e da promoção de práticas educativas antirracistas e refletir a coletividade como estratégia política e pedagógica de resistência no ambiente universitário e social. Estruturada a partir de um relato de experiência de duas integrantes do coletivo Fortaleza Negra a fim de dissertar a participação do coletivo e suas ações na cidade de Fortaleza abordando cada uma das atividades no olhar crítico e sua trajetória histórica.

Nesse percurso traz percepção das autoras enquanto pedagogas - uma formada e a outra em processo de formação - percepções essas voltadas nas nossas vivências enquanto pessoas negras que ocuparam/ocupam espaços acadêmicos que por sua vez não foi pensado para nossa existência e a contribuição do coletivo para formação dentro e fora dos muros da universidade.

Metodologia

A pesquisa a seguir adota uma metodologia de abordagem qualitativa apoiado nas contribuições de Minayo, que compreende a pesquisa como um processo interpretativo das realidades sociais, por isso buscamos a análise e a compreensão das experiências vivenciadas nas demais atividades realizadas pelo Coletivo Fortaleza Negra na cidade de Fortaleza, Ceará nos anos de 2025 e 2026 destacando dentre elas quatro atividades para nos debruçarmos sendo elas as seguintes atividades: Identidade Negra e Autodeclaração na modalidade de minicurso abordando com 5 módulo, Ocupar os Espaços de Ensino e Contracolonizar Saberes sendo integrado em diversos espaços, A História do Movimento dos Jangadeiros no formato de aula de campo na praia de Iracema, Fortaleza, ce e por fim a oficina “ HIT THAT JAZZ”. Para abordar o tema será feito um relato de experiência das atividades desenvolvidas pelo coletivo a partir da ótica crítica e pedagógica para que possamos Compreender a importância do movimento negro no processo de redescoberta da identidade a partir do reconhecimento de saberes historicamente marginalizados e da promoção de práticas educativas antirracistas e refletir a coletividade como estratégia política e pedagógica de resistência no ambiente universitário e social. Para fins de compreensão analítica, que Deus experiências individuais das autoras serão identificados ao longo do texto como ‘Autora 1 e ‘Autora 2’. Apresentando como nossos principais referências teóricos a qual iremos dialogar autores negros e negras que abordam a temática de racismo estrutural e luta dos movimentos negros numa perspectiva educativa: BENTO (2022) NASCIMENTO (2016) SOUZA (1983) entre outros.

Resultados e Discussões

Para iniciar o debate destacamos as atividades em tabela para melhor compreensão visível dos temas abordados e seu tempo/ espaço. Cada uma das atividades elaboradas foram pensadas e formuladas não apenas pelo idealizador do coletivo mas em uma coordenação de cinco pessoas comprometidas e engajadas nas tessituras do afeto e da consciência crítica.

Atividade	Tipo/formato	Ano
Identidade negra e autodeclaração	Minicurso	2025
Ocupar os espaços de ensino e escolarização	integração em diversos espaços	2026
a história do movimento dos	aula de campo	2026

jangadeiros		
Oficina HIT THAT JAZZ	oficina	2026

Tabela 1: Elaborada pelas autoras

A primeira atividade realizada aconteceu no mês da Consciência Negra foi um curso voltado ao debate de temas essenciais para a população negra, intitulado “Identidade Negra e Autodeclaração”. O principal objetivo da iniciativa foi transformar o silenciamento histórico acerca da nossa cor em coragem, promovendo um ciclo formativo potente e necessário para o aprofundamento das discussões raciais.

O projeto foi desenvolvido em parceria com a associação de moradores do bairro Serrinha, denominada AMORBASE, com o intuito de fortalecer ações na base comunitária, possibilitando que a população se veja e se reconheça como protagonista de sua própria história.

O curso foi estruturado em cinco módulos, contemplando diferentes dimensões da identidade racial:

Módulo	Tema
1	O que é branquitude
2	“Pardo na encruzilhada racial: ambiguidade, invisibilidade e negritude no Brasil
3	autodeclaração e heteroidentificação no Ceará: da educação básica ao ensino superior
4	Identidade racial no contexto da segurança pública no ceará
5	Compreendendo raça e etnia: história, cultura e resistência do povo negro

Tabela 2: Elaborada pelas autoras

As aulas foram ministradas por convidados com diferentes trajetórias e contribuições no campo das relações etnico-raciais: Hilário Ferreira, Wanessa Brandão, Davison Souza, Yara Bruna e Rubens Lopes.

As inscrições foram divulgadas por meio de redes sociais e canais de comunicação, como WhatsApp (em grupos universitários e de amigos), Instagram e indicações. Além disso, foi disponibilizado um formulário online para coleta de informações, permitindo compreender



o interesse dos participantes e evidenciar a relevância do curso para o público inscrito.

Para a autora 1, do ponto de vista pessoal e afetivo, participar dessa experiência foi profundamente marcante. Integrar um movimento que mobiliza o estudo e o debate entre pessoas negras, com diferentes percepções e vivências, contribuiu significativamente para a construção da minha identidade enquanto estudante negra e pesquisadora em formação. Nesse mesmo período, tive contato com a obra *Pequeno Manual de Sobrevivência Acadêmica*, de Bárbara Carine, que foi fundamental para refletir sobre minha relação com a escrita acadêmica.

A partir dessa leitura, passei a compreender as dificuldades que enfrentava ao escrever. Em primeiro lugar, reconheci que a escrita acadêmica historicamente não foi pensada como um espaço de pertencimento para pessoas negras. Em segundo lugar, percebi que minha dificuldade também estava relacionada ao desejo de abordar múltiplas questões simultaneamente, o que, por vezes, resultava em bloqueios. Com o tempo, entendi que a escrita pode e deve ser um instrumento de libertação e denúncia, ao mesmo tempo em que carrega uma dimensão coletiva, pois, embora seja individual, representa vivências compartilhadas.

Assim, foi por meio dessas leituras autorreferenciadas e da participação em coletivos e espaços formativos negros que consegui me reconhecer na escrita acadêmica, compreendendo-a como um território possível de existência, produção de conhecimento e resistência.

Para a autora 2, o mini curso contempla não apenas o público acadêmico, mas também a juventude e comunidade popular para vivenciar na perspectiva de que a educação é para todos rompendo a barreira dos muros acadêmicos democratizando o ensino sistematizado e afetivo, Barbara Carine é sintetiza muito bem meu sentimento sobre coletividade num processo de autoconhecimento quando coloca em seu livro:

Mesmo com todos os mecanismos mais brutais de construção de indiferenças, sobrevivemos justamente pela coletividade que nos foi negada e pelo autoreconhecimento proveniente dela, nós nos olhamos nos olhos e nos reconhecemos mesmo diante das mais variadas diferenças que os nossos olhos podem apreender. Nós nos olhamos e nos vemos, nos emocionamos e nos fortalecemos (2026, pag. 25)

Acredito no ensino movido pela ação do afeto no qual o movimento é construído de forma coletiva, os conteúdos tiveram uma perspectiva de continuidade com materiais didáticos e roda de conversa aberta para socialização das temáticas destacando uma abordagem pedagógica de ensino em comunhão, na qual não há hierarquias no ensino, cada um podendo contribuir com seus conhecimentos sejam eles prévios e individuais sobre a temática ou um conhecimento mais sistematizado dinamizando os encontros e transformando o espaço em um ambiente acolhedor.

Ocupar os espaços de ensino e escolarização

A segunda atividade, desenvolvida pelo Fortaleza Negra, foi realizada no mês de

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

novembro e teve como eixo central a proposta intitulada como “Ocupar os espaços de ensino e contracolonizar os saberes”. A iniciativa buscou promover reflexões sobre identidade, permanência e processos de redescoberta, destacando a importância da presença negra nos espaços educacionais e sociais.

Nesse contexto, a atividade partiu da compreensão de que uma das funções fundamentais do movimento negro é a abertura de caminhos, especialmente no que se refere ao acesso, permanência e produção de conhecimento. Assim, reforça-se a relevância do trabalho de base como elemento estruturante para a formação da identidade negra, bem como para o fortalecimento da escrita e da produção intelectual negra.

O calendário de ações foi organizado de forma descentralizada, contemplando diferentes espaços formativos, como escolas, a Universidade Estadual do Ceará, além de territórios localizados em bairros periféricos da cidade. Essa distribuição teve como objetivo ampliar o alcance das discussões e promover o diálogo com diferentes públicos, valorizando os saberes produzidos nos diversos contextos sociais.

Por último foi realizada uma atividade chamada FN universitária, consolidando as reflexões desenvolvidas ao longo do percurso. Nesse momento, foi enfatizada a importância da presença, permanência e resistência do movimento negro nos espaços institucionais, evidenciando como a ocupação desses territórios contribui para a construção de novas narrativas.

A proposta de contracolonizar os saberes orientou as ações desenvolvidas, assumindo um posicionamento crítico frente ao modelo educacional ainda marcado por referências predominantemente brancas e eurocêntricas. Mais do que apenas descolonizar, buscou-se afirmar práticas e epistemologias que confrontem e ressignifiquem essas estruturas, produzindo contranarrativas a partir das experiências e saberes negros. “Ensinar de um jeito que proteja e respeite a alma dos nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo.” (hooks, 2013, p. 25).

Para tanto, foram planejados quatro dias de atividades voltadas à docência, contemplando tanto escolas quanto universidades e territórios periféricos. Para autora 1, essas ações possibilitaram a construção de espaços de troca, aprendizado e afirmação identitária, fortalecendo o compromisso com uma educação antirracista e socialmente referenciada.

Para a autora 2, ações de ocupações do espaço é essencial para a expansão do conhecimento, seja na comunidade, nas escolas, universidades ou espaços institucionalizados falar sobre educação antirracista e a história negra brasileira, sobretudo cearense é ter a possibilitar que, temos também a responsabilidade e comprometimento com a pauta, com nossos que antecederam e os próximos que estarão na mesma posição, seguir o ciclo de abertura de caminhos é importante para o não apagamento da memória e reivindicações das memórias de luta e símbolos culturais herdados durante os anos.

A história do movimento dos jangadeiros

A terceira atividade foi concebida a partir da discussão sobre memória — uma memória

que, em muitos casos, foi apagada em decorrência do silenciamento histórico da cultura negra. Reconhecer nossas raízes constitui um movimento fundamental para compreender “de onde viemos e para onde vamos” expressão essa amplamente utilizada em contextos filosóficos e reflexivos sobre existência, identidade e trajetória histórica. Nesse sentido, a reflexão sobre a ancestralidade torna-se central para o fortalecimento da identidade negra.

Tal perspectiva pode ser relacionada à produção artística de Djonga, especialmente no trecho da música João e Maria: “Fiz igual João e Maria e sei o caminho de volta, mas os rastros são gotas de sangue pela estrada”. A metáfora presente na canção permite compreender o percurso histórico da população negra como marcado por dor, resistência e luta, ao mesmo tempo em que evidencia a importância de reconhecer os sujeitos e caminhos que possibilitaram nossa existência no presente. Assim, revisitar o passado é também afirmar a ancestralidade e reconhecer o papel daqueles que vieram antes de nós na construção de nossas trajetórias.

Considerando o contexto local, enquanto residentes do Ceará, mais especificamente da Fortaleza — frequentemente conhecida por suas belezas naturais e pelo turismo —, é fundamental destacar que o território também foi construído a partir da força e da resistência negra. Um exemplo significativo é o protagonismo dos jangadeiros, que lideraram um importante movimento histórico na cidade, ainda pouco reconhecido pela população em geral.

Diante disso, articulando memória, história e identidade negra, foi desenvolvida a primeira aula de campo de 2026, pensado pelo coletivo Fortaleza Negra, intitulada “A história do movimento dos jangadeiros”. A atividade foi estruturada no formato de uma caminhada pela orla da Praia de Iracema, local onde o qual se deu início ao processo de ocupação da cidade pelas famílias de pescadores. O objetivo foi reconstruir, de forma contextualizada e territorializada, os principais marcos dessa história, promovendo a visita a pontos relevantes que, muitas vezes, passam despercebidos na “Terra da luz” ao falar “terra da luz” faço referência ao como é conhecida a cidade de Fortaleza, por ser compreendida como a primeira a declarar liberdade aos escravos através da carta que até hoje não se tem registro.

A condução da atividade ficou a cargo do professor Hilário Ferreira, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará e mestre em História Social, além de reconhecido estudioso da história do movimento dos jangadeiros. Sua contribuição foi fundamental para o aprofundamento das discussões, proporcionando uma leitura crítica sobre a formação histórica de Fortaleza e o papel da população negra nesse processo.

Para a autora 1, a atividade possibilitou não apenas o acesso ao conhecimento histórico, mas também a ressignificação do espaço urbano, promovendo o reconhecimento da presença negra na construção da cidade e fortalecendo vínculos com a ancestralidade e a identidade coletiva.

Já para a autora 2, o coletivo FN demonstra nas atividades em campo claramente o objetivo inicial do seu nascimento: o compromisso histórico cultural da população negra cearense marginalizados de sua própria história no estado, abordando de maneira didática a história dos Jangadeiros reunindo o público geral, universitário, professores, juventude e da comunidade

em que mesmo sendo um evento com inscrições para a compreensão da logística do material, a aula toda foi aberta, com microfones possibilitando a participação e compreensão de quem estava participando e de quem passou pela aula e ficou para a aula.

Oficina HIT THAT JAZZ

A última atividade que selecionamos, mas não menos importante nesse processo de sular a educação antirracista e étnico-racial no contexto periférico, destaca a importância da expressão e da arte nos processos de construção da identidade negra.

A oficina trouxe, através do jazz, elementos de linguagem corporal que possibilitaram uma análise crítica dos processos históricos de silenciamento e invisibilização desse gênero musical durante sua popularização. O jazz, nesse sentido, é compreendido como expressão da voz do movimento negro e de sua luta por liberdade e dignidade.

O evento foi realizado em parceria com o Theatro José de Alencar e a Bienal Negra de Dança do Ceará, espaços que são referências culturais na cidade. Mais uma vez, ocupar esses lugares significa inserir o povo dentro de suas próprias construções históricas e culturais.

A arte, a música e a dança, desde os primeiros registros históricos, constituem-se como formas de denúncia, expressão e intervenção diante das injustiças sociais. Um exemplo concreto disso é a capoeira, que articula corpo, resistência e saberes ancestrais.

É também por meio dessas expressões que se constroem conhecimentos e se formam sujeitos sociais críticos, aqueles que tanto buscamos compreender e fortalecer em nossas raízes. Além disso, a arte se apresenta como uma ferramenta didático-pedagógica potente, promovendo pertencimento e contribuindo diretamente para os processos de formação social e identitária.

Segundo a reflexão de Paulo Freire “a educação sozinha não transforma o mundo, ela muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo” — dialoga diretamente com a experiência vivenciada na oficina “HIT THAT JAZZ” e com o papel da arte nos processos formativos e de construção da identidade negra.

Para autora 1, ao pensar nessa afirmação no contexto da atividade, compreende-se que a educação não se limita aos espaços formais, como a sala de aula ou os currículos tradicionais. Pelo contrário, ela se amplia quando incorpora a arte, o corpo e a cultura como dimensões legítimas de produção de conhecimento. Foi exatamente isso que a oficina de jazz proporcionou: um espaço educativo que, por meio da dança e da expressão corporal, provocou reflexões críticas sobre história, identidade e resistência.

O jazz, nesse sentido, não aparece apenas como um estilo musical, mas como uma linguagem carregada de memória e luta. Sua trajetória está profundamente marcada pelas experiências da população negra, especialmente no contexto de racismo e segregação. Ao trazer esses elementos para o centro da prática pedagógica, a atividade permitiu que os participantes não apenas aprendessem sobre o jazz, mas se reconhecessem dentro dessa história, compreendendo-se como sujeitos sociais atravessados por esses processos.

Essa perspectiva também pode ser relacionada à narrativa do filme Pecadores, que retrata o jazz como uma expressão cultural nascida em meio às tensões do racismo e da segregação. A obra evidencia como a música se tornou um instrumento de resistência, denúncia e afirmação da dignidade do povo negro, mesmo diante de um contexto

profundamente desigual. Assim como na oficina, o jazz no filme não é apenas entretenimento, mas um meio de existência, de enfrentamento e de construção de identidade.

Dessa forma, ao vincular a fala de Paulo Freire com a experiência relatada, percebe-se que a transformação proposta pela educação acontece justamente quando ela toca o sujeito em sua integralidade: mente, corpo e história. A arte, especialmente a música e a dança, atua como mediadora desse processo, permitindo que os indivíduos se reconheçam, ressignifiquem suas trajetórias e, a partir disso, se posicionem no mundo de forma crítica.

Em concordância, a autora 2 reflete a importância dos espaços culturais ocupado pela população negra e a marginalização cultural, onde pessoas negras estão inseridas? Como sua arte ancestral é vivenciada? No olhar do indivíduo e no olhar do outro. O sistema embranqueceu a cultura de ancestralidade negra quando a mesma é favorável para si onde nega os corpos negros e nega sua originalidade.

Portanto, a importância da arte, evidenciada na oficina de jazz e reforçada pela narrativa cinematográfica, está em sua capacidade de formar sujeitos conscientes, capazes de compreender as estruturas sociais que os atravessam e de atuar na transformação dessas realidades. Assim, confirma-se o pensamento freireano: ao transformar pessoas por meio de experiências educativas significativas.

Conclusão

Diante do exposto, é evidente destacar a importância e a contribuição dos movimentos negros para a luta histórica e para a formação social, política e cultural da população brasileira. Tais movimentos têm desempenhado papel fundamental no resgate de memórias silenciadas, na valorização de saberes historicamente marginalizados e na construção de narrativas que reafirmam identidades negras de forma crítica e emancipatória. Nesse sentido, contribuem para que a história não seja esquecida, mas revisitada sob novas perspectivas, possibilitando o reconhecimento e a valorização da herança cultural dos que nos antecederam.

Além disso, ao promover práticas educativas antirracistas, os movimentos negros tensionam estruturas excludentes ainda presentes na sociedade, especialmente no campo educacional, incentivando reflexões, mudanças de postura e a construção de ambientes mais inclusivos e equitativos. A experiência relatada evidencia que o contato com essas práticas e com os referenciais teóricos produzidos por intelectuais negros fortalece processos de redescoberta identitária, ampliando o senso de pertencimento e consciência crítica dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, reafirma-se a necessidade de continuidade e fortalecimento dessas iniciativas, tanto no âmbito acadêmico quanto nas práticas pedagógicas cotidianas, reconhecendo o movimento negro como agente indispensável na promoção da justiça social e na construção de uma educação comprometida com a equidade racial, pois “O educador, a educadora antirracista é, acima de tudo consciente de si dentro dos sistemas de opressão que estruturam nossa sociedade.” (PINHEIRO, 2023, pág. 120)

Referências

BELANDI, Caio. GOMES, Irene. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda.** Agência IBGE Notícia. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda> acesso em: 23/04/2026

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARINE, Bárbara. **Raça social: uma leitura sobre a racialidade brasileira.**/ Bárbara Carine. - São Paulo: Planeta Brasil, 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOK, Bell. **Ensinando a Transgredir: Educação como Prática da Liberdade.** São Paulo. 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PINHEIRO, Barbara carine. **Como ser um educador antirracista.** [livro eletrônico] são Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DJONGA. João e Maria. In: Ladrão. Belo Horizonte: , 2019. Spotify, streaming.

Pecadores. Direção: Ryan Coogler. [EUA]: Warner Bros. Pictures / Proximity Media, 2025. Filme.